

V O E A I
B P L S F
C D

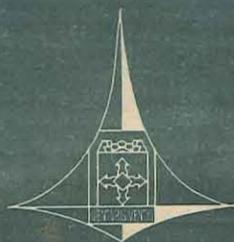
H

R

L . E . T . R . A . S

DI

ANO 1 - Nº 1 Brasília, novembro de 1992



SUPLEMENTO CULTURAL DO
DIÁRIO DA CÂMARA LEGISLATIVA

Antônio Americano do Brasil

Americano do Brasil foi fortemente influenciado pelo pensamento e ação de dois homens ligados ao seu ambiente familiar: Antônio Eusébio de Abreu, seu pai e Henrique Silva, seu tio-avô.

De Eusébio de Abreu, mentor de seus primeiros estudos, recebeu notadamente concepções sobre línguas, que era o forte desse fundador de escolas em várias localidades goianas. Segundo depoimentos de ex-alunos seus, ministrava português, latim, francês, inglês, italiano e espanhol, suprindo a falta de material didático com lições e manuais de sua própria elaboração e chegando a publicar uma gramática da língua portuguesa. Eusébio fazia também incursões pelo tupi-guarani.

Henrique Silva dedicava-se ao jornalismo, concentrando sua atenção nas áreas de geografia, história e economia, sobretudo no tocante a Goiás, que defendia e divulgava com invulgar tenacidade. Já em 1890, pelas páginas de "O País" apontava a conveniência da mudança da capital do país para o planalto goiano, chegando a visualizar a cidade: "Uma obra-prima, a última palavra da engenharia do século XIX, tendo a forma de uma estrela e uma dimensão como nenhuma cidade contemporânea." Entre suas viagens de estudos e observações na região Amazônica e Centro-Oeste, enquanto militar da ativa, destaca-se a que fez, de 1892 a 1894, como secretário da Comissão Cruls, a equipe que explorava o Planalto Central com vistas à construção da nova capital, prevista na Constituição. Henrique Silva estava radicado no Rio de Janeiro desde 1883 e lutava pela criação de uma entidade que, de lá, defendesse os interesses da terra natal, o que conseguiu, depois de tentativas prévias, com a fundação, em 1917 e com a participação de Americano do Brasil, da revista mensal "A Informação Goiana". Americano figurou como diretor até o oitavo número da publicação, em virtude de seu ingresso na política partidária goiana. Henrique Silva mantém firmemente a revista, que desaparece com sua morte, em 1935. É patente a força dele e de sua revista como pólo de atração da juventude goiana que se renovava nas escolas superiores da capital, uma função facilitada por não haver se filiado ostensivamente a nenhuma corrente partidária goiana. No campo econômico, a tecla era uma só e pode ser traduzida por: Goiás é um bom investimento. Os temas que abordava — econômicos, geográficos, históricos, folclóricos, etc. — eram constatemente retomados e defendidos por outros goianos, dentro e fora da política, entre os quais Americano do Brasil.

O interesse pela tradição e pelo folclore era uma característica da época, uma busca de bases para o nacionalismo que se reforçava com a experiência republicana. A Europa vivia a

Um intelectual e a história

Americano do Brasil foi o Sebastianismo intelectual do Planalto Central. No artigo que se segue, o prof. Dinair Andrade da Silva contextualiza Americano no universo de idéias de seu tempo.

Dinair Andrade da Silva

Universidade de Brasília

experiência dos nacionalismos italiano e alemão, que desembocariam no fascismo e no nazismo. Tendências análogas resultariam no integralismo brasileiro.

Embora em contradição com a tônica modernizadora, a tradição entrava como argumento inclusive para a mudança da capital para Goiás: o Rio era cosmopolita demais para continuar representando a nação, ao passo que Goiás, isolado no sertão, conservava as forças genuinamente nacionais.

É fácil perceber a ambiguidade que se criava na mente, sentimentos e atitudes dos jovens que partiam do interior para a capital do país: o conforto e a estimulação intelectual em oposição ao desconforto e marasmo. A tendência maior era fixar-se no grande centro cultural e de lá defender, de forma subjetiva, o estilo de vida antigo e, de forma objetiva, o estilo novo, com permutas ocasionais de ponto de vista, de acordo com a avaliação das circunstâncias.

Americano do Brasil não fugiu a essa tendência. Depois de completar sua formação em Medicina no Rio, voltou a Goiás para integrar o governo de seu futuro sogro, retornando ao Rio na qualidade de deputado federal e lá ficando mesmo depois de alijado do poder. Sua nova volta a Goiás, ao lado de fatores de ordem familiar (afastamento da mulher e da filha, que continuaram morando no Rio), representa uma tentativa de retorno ao poder, via realinhamento partidário. Melhor dizendo, um retorno, talvez provisório, motivado por fatores político-familiares, já que num regime oligárquico razões de família e razões de Estado são convenientemente confundidas. Um possível retorno ao Rio foi definitivamente frustrado pelo seu assassinato em 1932, aos 40 anos de idade, em circunstâncias que pareciam envolver aspectos políticos-partidários.

Americano do Brasil foi um homem do seu tempo, o representante goiano do intelectual brasileiro das primeiras décadas do século: diversidade de interesses, cultivo da arte literária e da retórica e atração pela polêmica jornalística e pela política. Seu pensamento era orientado pelo organicismo: tendência a igualar os produtos culturais aos organismos vivos, transferindo as descrições e explicações de um setor para o outro. É uma tendência que vinha do século anterior e que se prolongava pela inserção em diversas correntes culturais que coexistiam neste. Tinha forte apelo por seu caráter cientificista e, no caso de Americano era apenas reforçada por sua for-

mação médica. A corrente a que Americano aderiu, com bastante fidelidade, foi a evolucionista, notadamente na versão brasileira defendida e divulgada por Silvio Romero.

PAISAGEM IDEOLÓGICA

Americano do Brasil representa o exemplo goiano do intelectual brasileiro formado dentro das correntes culturais que conseguiram avançar até as primeiras décadas deste século. A ciência, embora impregnando fortemente a filosofia, ainda não havia conseguido impor seu ideal de especialização, ou seja, ainda não havia conseguido erigir em dogma científico a organização político-econômica das sociedades industrializadas: a divisão social do trabalho. Assim, era a visão ampla ambicionada pela filosofia que ainda prevalecia.

A sociedade era vista criticamente e a tônica era no equilíbrio social. Assim, dentro do organicismo, rupturas no equilíbrio era igualadas a doenças e a volta ao equilíbrio era procurada por meio de remédios, as reformas sociais.

Dentro dessa visão do mundo, Americano produziu bastante, sobretudo durante sua atuação como deputado por sua terra natal. Isso refletia sua crença de que os problemas sociais poderiam ser resolvidos por reformas pregadas da tribuna parlamentar. Embora insistisse, teve oportunidade de perceber que o funcionamento real do sistema não caminhava nessa direção.

Americano também participava da crença na neutralidade da ciência e de que seu papel só poderia ser positivo.

Todavia, qualquer inclinação a autoritarismo científico seria denunciada pela própria concepção evolucionista:

"Para conservar encanto novo e prender o espírito da humanidade, a ciência jamais será definitiva: as últimas idéias não são senão para um tempo limitado; é o "wercen" perpétuo a remoçar o espírito positivo".

Americano visava a melhoria da sociedade brasileira e de sua terra natal. Participava concretamente de dois ambientes culturais diferentes: o carioca — inovador — e o goiano — conservador. Por um lado, era levado a enaltecer sua terra como ela era e, dentro do movimento nacionalista, havia estímulo para tal.

Pelo outro lado, era levado a criticá-la: "Um meio em que tudo é difícil de se conseguir". E a atuar para modificá-la, modernizá-la, levar a ela o "progresso".

É dentro do impulso de enaltecer sua terra que se enqua-

dram seus trabalhos sobre história — a busca tradicionalista de heróis e feitos heróicos, sobre riquezas naturais — a propaganda concreta em busca de investimentos, e sobre o folclore — a busca de preservar as manifestações populares.

Americano, no campo da história, não conseguiu lugar para o "rex absconditus de todos os tempos, o único autor verdadeiro da história". Seu lugar estava reservado na área do folclore:

"Que um dia o ciclone da civilização varrerá os priscos hábitos das antigas raças mestiçadas com o clima ou tranformadas eugenicamente, é tema sem discussão, e que é definido por uma determinante sociológica; porém, por muitos decênios ainda a lembrança desse passado acalantar, na alma dos vindouros, a saudade dos dias simples de seus antepassados, suas folias, suas fogueiras, suas canções e até seus ensalmos. Porque tudo isto é a alma do povo indefinida..."

A outra tendência, contrária ao enaltecimento da terra como ela era, consistia precisamente em atrair o "ciclone da civilização", e não somente para Goiás. Americano idealizava as sociedades industrializadas, as nações "cultas", "civilizadas". Esses dois quadros é que orientavam Americano da detecção de nossos problemas sociais e na proposta de soluções, da mesma forma como guiavam outros intelectuais brasileiros do fim do século passado e princípios deste. No tocante ao levantamento de problemas, esses quadros possibilitavam uma perspectiva bastante crítica. As propostas de solução, contudo, tinham pouco alcance prático, pois caminhavam em direção contrária aos interesses não manifestos dos grupos que controlavam a sociedade, de dentro e de fora.

Americano, também como outros intelectuais do seu tempo, pertencia aos grupos que controlavam a sociedade, de dentro. Dificilmente se poderia determinar qual grau de conhecimento ele tinha dos interesses não manifestos do seu grupo, que teriam de ser os seus. Até que ponto Americano percebia que não passava de idealização considerável um representante do "povo"? Seu papel real era de representante de uma oligarquia, e de um meio em que as regras do jogo político eram bem rudes. Momento houve em que percebeu os reais interesses dos que dirigiam a sociedade, de fora. Momentos houve em que percebeu os reais interesses do seu grupo e dos demais que dirigiam a sociedade, de dentro. E houve um momento, que lhe custou caro, em que não só per-

cebeu, mas denunciou o jogo oligárquico, o controle da sociedade, de dentro e de fora: a questão da lei de imprensa. Esse ponto mostra a força de seus quadros de referência teóricos na ocasião: a defesa de princípios. Mas há o lado prático do problema também. O acesso à leitura e escrita era restrito a poucos, e esses poucos teriam de se alinhar às oligarquias que disputavam o mando, a nível local e nacional. Com uma lei de imprensa restritiva demais, a oligarquia dominante estaria vedando às demais um dos canais de acesso ao poder: a devassa. De qualquer forma, com sua atitude, Americano violou as regras do jogo e teve de pagar o preço. Sua decepção com o desfecho foi tal que chegou a classificar de imbecis os princípios que sempre invocava nos seus pronunciamentos parlamentares:

"É realmente imbecilidade o patriotismo, o civismo, e o mais".

Mas Americano não abandonou a política nem deixou de invocar esses princípios. Dificilmente poderia fazê-lo. Se o fizesse, teria de renunciar, em sua volta à terra natal, sem a companhia da esposa e da filha, à atividade que realmente dava vida às fazendas, povoados e cidades. Ademais, havia, na época, uma atmosfera que condizia com seus traços românticos e sua concepção heróica de história, reforçados por sua experiência de oficial médico do Exército: as incursões tenentistas que culminaram com o golpe getulista de 1930, aclamado, sem estranheza, com honras de revolução.

A concepção heróica de história estava ligada a outra atividade intelectual de Americano, a literatura. Percebemos, por sinal, uma dose de afetividade em seus escritos historiográficos. Afetividade que se mostra plenamente em poemas vesando sobre personagens e feitos da história oficial. Traços afetivos estão também presentes em seus trabalhos sobre folclore e sobre aspectos da terra goiana. Associado à literatura estava seu interesse por questões de linguagem bem como o cultivo da retórica e da eloquência, características que lhe marcavam a combatividade pela tribuna ou pela imprensa.

Americano esteve em sintonia com as fortes tendências nacionalistas e regionalistas da época, que, a despeito dos inegáveis traços românticos, procuravam obter um retrato mais fiel do país do que o traçado pelos nacionalistas e regionalistas precedentes.

* Dinair Andrade da Silva, é mineiro de Carmo do Paranaíba, formado em História, professor e mestre do Departamento de História da Universidade de Brasília. Endereço para correspondência: SHIN QI 2 — Conjunto 6 — Casa 6 — 71.000 — Brasília, DF. O presente artigo compõe-se de excertos da obra "Um intelectual e a história: Antônio Americano do Brasil, Brasília, 1982.